

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
 2003

1.ª FASE
 1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES E CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise do excerto apresentado	10 pontos
Coerência lógica da resposta	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A **mera transcrição** de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados	35 pontos
Coerência lógica da resposta	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos
TOTAL DO GRUPO I	120 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta **não manifestar** conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

Tópicos de conteúdo:

DA NATUREZA, Parménides

1. Defender a descontinuidade do ser implicaria defender uma diferença. Pode o *que é* estar cerca de algo diferente? Afirmá-lo seria contraditório. Portanto, a descontinuidade implicaria uma contradição, pelo que o ser é contínuo.
2. A imagem sintetiza a exclusão de todas as formas de mobilidade. Geração, destruição, alteração interna implicariam a afirmação do não-ser ou a afirmação do ser como ser e não-ser, afirmações que a «convicção verdadeira» repele por princípio.
3. As duas vias do pensamento. A impossibilidade do não-ser e a ilegitimidade da via da opinião (o devir supõe a afirmação do não-ser).
A decisão do pensamento pela fidelidade aos seus princípios assegura a unidade de pensamento, verdade e ser.
A eficácia da via da verdade – a dedução dos atributos do ser.
Deduzidos os atributos do ser, é difícil enquadrar a via da opinião no todo do pensamento de Parménides.

GÓRGIAS, Platão

1. Querefonte quer saber qual é a arte que Górgias cultiva, isto é, quer uma definição de retórica. Polo, em vez de responder à questão de Querefonte com uma definição, como o procedimento dialéctico exigiria, limitou-se, à maneira dos oradores, a elogiar a retórica, dizendo que era a mais bela das artes.
2. Sócrates quer saber qual é a arte exercida por Górgias e qual a designação que se deve atribuir a Górgias em função da arte que exerce.
3. Concepção de Górgias acerca da retórica:
 - é a arte dos discursos;
 - faculta a quem a possui liberdade para si próprio e domínio sobre os outros na cidade;
 - tem por objectivo e essência produzir a persuasão nos tribunais e em outras assembleias;
 - tem por objecto o justo e o injusto.

Concepção platónica da retórica:

- não é uma arte;
- é uma forma de actividade empírica e de rotina, que visa produzir agrado e prazer;
- com a cozinha, a *toilette* e a sofística é uma parte da adulação;
- é um simulacro de uma parte da política, a justiça.

Dialéctica:

- método filosófico que Sócrates considera correcto e que busca a descoberta da verdade.

Oposição radical entre os processos e as finalidades dos oradores (retórica e persuasão) e os dos filósofos (dialéctica e verdade).

FÉDON, Platão

1. As propriedades da harmonia, semelhantes às da alma, são diferentes das propriedades dos elementos harmonizados. Mas essa diferença depende da relação (harmonização) dos elementos, não assinala uma natureza independente. Assim, se a alma for uma harmonia de elementos corpóreos, dependerá da relação entre estes e não subsistirá sem ela.
2. Se a alma é apenas a harmonia constituída por elementos corpóreos e a virtude é harmonia, e o vício é desarmonia, não é possível atribuir vícios à alma – dizer que uma alma é viciosa seria dizer que uma harmonia não é harmoniosa.
3. Provar a imortalidade da alma implica provar a natureza distinta e incorpórea da alma e desenvolver um dualismo que acolha tal realidade.
Importância da teoria das formas na construção da ideia da realidade apenas inteligível.
A objecção de Sírias como ameaça ao dualismo. A refutação de Sócrates assegura o progresso já realizado com os argumentos anteriores.

CATEGORIAS, Aristóteles

1. O primeiro período do texto proporciona uma caracterização negativa das substâncias primeiras. As substâncias primeiras não são ditas de algum sujeito: não são universais, sendo universal tudo aquilo que se predica de uma multiplicidade de coisas. As substâncias primeiras não existem em algum sujeito: não são acidentes, sendo um acidente aquilo que existe em alguma coisa, mas não como parte sua, e que não pode existir separadamente daquilo em que existe.
2. Só as substâncias primeiras são seres individuais e auto-subsistentes: tudo o que existe está nas substâncias primeiras ou predica-se destas. Na ausência de substâncias primeiras, não existiriam substâncias segundas nem qualidades accidentais.
3. A obra proporciona uma classificação das categorias ou tipos principais de entidade envolvidos na estrutura da realidade. O extracto introduz a categoria de substância, categoria ontologicamente fundamental, e elucida em parte a natureza das substâncias primeiras: estas, apesar de permanecerem em si mesmas unas e idênticas, admitem qualificações contrárias.

O MESTRE, Santo Agostinho

1. A objecção consiste em dizer que se falar é apenas proferir palavras, então, como quando cantamos também falamos e cantamos frequentemente sozinhos (sem que alguém nos oiça e aprenda), há pelo menos um caso em que não temos por objectivo ensinar. Isto leva Adeodato a pensar que a tese de Agostinho, segundo a qual sempre que falamos pretendemos ensinar, está errada.
2. S. Agostinho justifica a ideia de que «uma coisa é falar, outra cantar» com dois argumentos:
 - O que deleita no canto é uma determinada modulação do som. Esta modulação pode-se unir ou separar das palavras. Logo, uma coisa é falar, outra cantar.
 - É possível entoar cantos, usando flautas e cítaras. As aves também cantam. Nós, às vezes, sem palavras, também entoamos trechos musicais. Em todos estes casos há canto, mas não há locução. Logo, falar e cantar são coisas diferentes.

V.S.F.F.

114/C/3

3. Pela locução os homens pretendem ensinar ou rememorar os outros ou a si mesmos. Mas ensinar é diferente de falar: é possível ensinar sem usar palavras. Ensinar é também diferente de significar: significamos para ensinar e não ensinamos para significar. Com as palavras, aprendemos apenas o som e o ruído das palavras. Depois de termos conhecimento das coisas, também temos conhecimento das palavras; mas, pelas palavras, nem as palavras aprendemos. Se sabemos o significado das palavras, rememoramos mais do que aprendemos. Se não sabemos, nem sequer rememoramos. O homem, pelas palavras, é apenas incitado a aprender.

PROSLOGION, Santo Anselmo

1. Dois modos de pensar uma realidade: pensar numa palavra que tem um certo significado é diferente de pensar numa palavra compreendendo efectivamente o seu significado, intelccionando a realidade que esta refere. A distinção mostra como o ateísmo é possível: quando pensa em Deus, o ateu fica-se pelo primeiro modo de pensar.
2. Quem pensa em Deus compreendendo efectivamente a realidade significada pelo termo «Deus», não pode pensar que Deus não existe: como Deus é o ser maior do que o qual nada se pode pensar, nem em pensamento pode não existir.
3. Procura de um único argumento que estabeleça racionalmente a existência de Deus. O argumento, partindo da ideia de Deus como o ser maior do que o qual nada se pode pensar, estabelece a sua existência necessária e proporciona a chave para a compreensão da natureza divina.

O SER E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

1. A hipótese de haver mais de uma existência subsistente contradiz a noção de existência subsistente. Se recebesse discrimine, pelo qual pertencesse a uma espécie de entes, subsistiria pela dínase; se recebesse matéria, que o distinguisse de outro ser da mesma espécie, subsistiria por um outro.
2. Tem de haver uma primeira causa de todos os seres para evitar regressão infinita. A realidade da causa primeira não pode ser dada por um princípio extrínseco, porque, neste caso, não seria causa primeira. Mas também não pode ser dada por uma essência distinta da existência, porque isso seria admitir que um ser pode criar-se a si mesmo. Portanto, a causa primeira é unicamente existência.
3. Objectivos da obra: expor e relacionar sem contradição os princípios pelos quais compreendemos toda a realidade; mostrar de que modo a essência existe nos diferentes tipos de entes. A primeira tarefa, subordinada à segunda, resolve as dificuldades relativas à conexão de noções como existência, essência, género, espécie e discrimine. O segundo objectivo leva à exposição de um quadro hierarquizado dos seres, do mais ínfimo a Deus.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

1. A luz da arte mecânica ilumina em relação às figuras artificiais, inventadas para satisfazer as necessidades do corpo. Como é servil e degenera do conhecimento filosófico, pode chamar-se-lhe luz exterior. Esta luz distribui-se pelas sete artes mecânicas: lanifício, armadura, agricultura, caça, navegação, medicina e teatro.

2. A arte mecânica desempenha a função de comodidade, aplicando-se ou ao vestuário, ou à alimentação, ou a ambos em simultâneo. Se se aplica ao vestuário, assume a forma de lanifício ou de armadura; se se aplica à alimentação, assume a forma de agricultura ou de caça; se se aplica a ambos em simultâneo, tem a forma de navegação ou de medicina.

3. Toda a iluminação tem origem no Pai das Luzes. Há uma luz exterior, a luz da arte mecânica; uma luz inferior, a luz do conhecimento sensitivo; uma luz interior, a luz do conhecimento filosófico; e uma luz superior, a luz da graça e da Sagrada Escritura.

A luz da arte mecânica ilumina em ordem às figuras e aos objectos artificiais.

Na iluminação da arte mecânica podem-se intuir três coisas:

- na produção, a geração e a encarnação do Verbo, isto é, a divindade e a humanidade;
- no efeito, a norma de viver;
- no fruto, a união de Deus e da alma.

A iluminação da arte mecânica conduz à iluminação da Sagrada Escritura.

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação	8 pontos
Seleccção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido	20 pontos
Apropriação pessoal dos conhecimentos e apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor, na obra	10 pontos
Coerência lógica da resposta	20 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	12 pontos
TOTAL	(1 × 80) = 80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Dado o objectivo deste grupo serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

Tópicos de conteúdo:

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

TEMA: O dualismo alma-corpo

A alma enquanto substância inteiramente distinta do corpo.

O conceito de substância: as substâncias criadas, sejam elas imateriais ou corpóreas, podem existir sem o auxílio de qualquer outra coisa criada. Só nos apercebemos das substâncias através dos seus atributos. Embora qualquer atributo de uma substância nos permita detectá-la, cada substância tem um atributo que constitui a sua natureza ou essência, um atributo do qual dependem todos os seus outros atributos. A extensão como atributo essencial da substância corpórea; o pensamento como atributo essencial da substância imaterial. A noção de pensamento abrange tudo o que ocorre em nós, de tal maneira que o notamos por nós próprios: compreender, querer, imaginar, sentir.

Do *cogito* ao dualismo alma-corpo: o conhecimento que temos da nossa própria alma, para além de preceder o conhecimento que temos do corpo, é mais certo do que este – conhecemos melhor as substâncias em que detectamos um maior número de propriedades, sendo certo que encontramos mais propriedades no nosso pensamento do que em qualquer outra coisa.

O primado antropológico da alma: a nossa natureza é essencialmente mental.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

TEMA: Estado e Igreja

O Estado é uma sociedade humana constituída unicamente com o fim de conservar e promover os bens civis (vida, liberdade, integridade e protecção do corpo contra a dor e bens externos – terras, dinheiro, móveis).

O magistrado civil tem o dever de assegurar, pelas leis, a conservação e a posse de todas as coisas que se relacionam com a vida civil. Para isso, foi dotado, pelos súbditos, com o monopólio da força legítima.

A soberania do poder civil limita-se e circunscreve-se a conservar e a promover os bens civis e não se estende à salvação das almas.

A Igreja é uma sociedade livre de homens voluntariamente reunidos para adorar publicamente a Deus, da maneira que julguem ser agradável à divindade, com vista à salvação das almas.

Ninguém está, por natureza, obrigado a fazer parte de uma dada Igreja. Cada um junta-se livremente à Igreja em que julga que se pratica a verdadeira religião e um culto que agrada a Deus.

As Igrejas têm leis que estabelecem o tempo e o lugar em que se realizam as assembleias, as condições em virtude das quais os membros são admitidos ou excluídos, e que regulam diversas funções e outras coisas do mesmo género. Estas leis têm por fim e limite o culto público de Deus e, por meio dele, a obtenção da vida eterna.

As Igrejas não têm qualquer jurisdição sobre os bens civis ou sobre as posses terrenas e não podem, seja porque motivo for, empregar a força, que é da competência exclusiva do magistrado civil. Podem apenas utilizar exortações, admoestações e conselhos para manter os seus membros no dever e, no caso de isso falhar, recorrer à excomunhão.

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz

TEMA: A natureza das substâncias individuais

A cada substância individual corresponde uma «noção completa», que é especificada pela lista exhaustiva dos seus predicados. Identidade dos indiscerníveis: dado que as substâncias se distinguem apenas pelos seus predicados, não podem diferir apenas em número.

V.S.F.F.

114/C/7

As substâncias são indivisíveis e não possuem uma natureza física ou material. O número das substâncias não aumenta nem diminui naturalmente. Estas só podem começar por criação e desaparecer por aniquilação: é Deus que as conserva e produz continuamente, por uma espécie de emanção.

Cada substância individual exprime o universo todo à sua maneira. Assim, cada substância reproduz de certo modo o universo e contribui para multiplicar a glória de Deus: exprime, embora confusamente, todos os acontecimentos passados, presentes e futuros. Toda a substância apresenta uma marca da onipotência e onisciência de Deus, imitando-o tanto quanto lhe é possível.

Cada substância é uma espécie de mundo isolado, independente de tudo resto e exterior a Deus. Em rigor, uma substância particular nunca actua sobre outra. A aparente actuação entre substâncias é explicada pela harmonia preestabelecida por Deus.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

TEMA: Moral e autonomia

O exame da moral comum esclarece as condições do mérito moral, as noções de boa vontade e de dever. Nesse primeiro esclarecimento, a ideia de autonomia está apenas implícita, como ideia de que o mérito moral reside na independência do sujeito em relação aos seus próprios interesses, inclinações e circunstâncias.

A explicitação do princípio da autonomia produz novos esclarecimentos: na experiência do dever, a oposição entre universalidade e particularidade é explicada como oposição entre autonomia (pura determinação racional) e heteronomia (sujeição a móveis sensíveis); a relação entre obrigante e obrigado é explicada pela posição do sujeito como legislador e membro do reino dos fins. A acção moral despojada de fins concretos ganha uma finalidade – o ideal do reino dos fins.

O princípio da autonomia é a via para a fundamentação da moral: o conceito positivo de liberdade.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: Filosofia e conhecimento racional

A finalidade da filosofia é a verdade, pelo que não pode ser considerada uma galeria de opiniões (representações subjectivas) e não pode ser subordinada nem à fé autoritária nem à fé pessoal. As divergências entre filosofias não deverão justificar a rejeição nem da filosofia nem da verdade em geral.

A superação destas falsas representações da filosofia exige a superação do conhecimento intelectual que, prisioneiro da abstracção, transforma em entidades autónomas os diferentes momentos, aspectos ou figuras em que a realidade se perfaz.

A perspectiva racional tomará a realidade como um desenvolvimento não linear, conduzido por um princípio interno, um todo que se concretiza em cada um dos seus momentos e lhe dá o seu fim. Compreenderá as diferentes filosofias como momentos do seu desenvolvimento.

Compreenderá, finalmente, que a realidade como um todo é o processo de auto-realização do espírito e que a filosofia é o consumir dessa realização.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX,

Antero de Quental

TEMA: A natureza do pensamento filosófico

A filosofia, tal como o pensamento humano, é eterna mas instável e flutuante, susceptível de progresso e retrocesso. Embora, no fundo, seja sempre igual a si mesma, é continuamente diversa

de si mesma nas suas manifestações. Representa o que há de absoluto no pensamento humano e o que há de relativo na consciência que o pensamento humano tem de si mesmo: uma potência infinita e um acto limitado.

A filosofia alimenta-se das suas próprias dúvidas. Estas permitem não só colocar os grandes problemas, mas também começar a resolvê-los, pois circunscrevem o domínio a investigar. São as dúvidas que tornam a filosofia fecunda.

Não há uma verdade total e definitiva na filosofia. Uma filosofia definitiva implicaria a imobilidade do pensamento humano. A verdade filosófica é simbólica.

A filosofia é a equação do pensamento e da realidade num dado momento histórico. A cada período histórico corresponde a sua filosofia. Os diversos sistemas filosóficos existentes em cada período acabam por se complementar, apresentando-se como diferentes modalidades do espírito geral e total desse período. Embora no final de cada período não se atinja uma síntese perfeita do pensamento, regista-se uma tendência para um sincretismo mais ou menos sistemático.

A ciência e a filosofia complementam-se: a primeira traça o quadro do Universo na sua complexidade fenomenal; a segunda interpreta o significado desse quadro e procura descobrir a chave do «grande enigma».

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Homem trágico e homem teórico

O Uno Primordial como actividade de criação e destruição. O apolíneo e o dionisíaco.

A ausência de finalidade e o risco do pessimismo.

Duas maneiras de superar o pessimismo: homem trágico e homem teórico.

A tragédia como união do dionisíaco e do apolíneo. A tragédia, que permitiu aos gregos acolher e aprovar a terrível verdade do ser, como modelo da sabedoria dionisíaca. Subordinação do princípio da individuação ao pleno acolhimento da vida, mesmo nas suas manifestações mais terríveis.

A sedução pela aparência apolínea e a submissão ao princípio da individuação geram o homem teórico que domina a cultura ocidental. Optimismo teórico: valorização da abstracção, da universalidade e da causalidade. Identificação da virtude, do saber e da felicidade – enfraquecimento da vida.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Aprendizagem e sistemas de crenças

A aprendizagem corresponde à formação gradual, socialmente contextualizada, de um sistema de crenças. A experiência ensina-nos certas proposições, mas não isoladamente: ensina-nos um conjunto de proposições interdependentes, que se reforçam mutuamente.

As nossas proposições empíricas não formam uma massa homogénea. Num sistema de crenças, algumas permanecem inabalavelmente firmes, mas outras são susceptíveis de revisão em graus variáveis. Aquilo que permanece firme não é intrinsecamente óbvio; é aquilo que rodeia as crenças inabaláveis que lhes dá consistência.

Não aprendemos a prática de formular juízos empíricos através da aprendizagem de regras: os juízos e a sua ligação a outros juízos são-nos ensinados. Aprender é adquirir crenças que tornam possível a emergência de jogos de linguagem. Um jogo de linguagem é algo que se adquire na prática do seu uso: as regras desse jogo não são aprendidas explicitamente. A prática dos jogos de linguagem proporciona toda uma imagem do mundo, que dá consistência a uma dada forma de vida.

Toda a confirmação ou infirmação de uma hipótese ocorre no interior de um sistema. O sistema não proporciona propriamente um ponto de partida para os nossos argumentos; é antes o elemento onde vivem os argumentos, determinando aquilo que é e aquilo que não é admissível como prova.

V.S.F.F.

114/C/9

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: Concepção de filosofia

A filosofia não consiste em transferir a nossa atenção da matéria para o espírito, nem na constatação intemporal de uma interioridade intemporal. Só há a filosofia de hoje, aquela que eu agora posso pensar e viver.

Filosofar é descobrir o sentido primeiro do ser, pelo que é necessário assumir a situação humana.

A filosofia é um sentido em devir, que se constrói a si próprio em acordo e em reacção consigo; uma filosofia é, necessariamente, uma história (filosófica), uma troca entre problemas e soluções, em que cada solução parcial transforma o problema inicial, de modo que o sentido do conjunto não lhe é preexistente.

A filosofia não é um diálogo do filósofo com a verdade, um juízo superior sobre a vida, o mundo e a história, como se estivesse fora deles – e não pode também subordinar a qualquer instância exterior a verdade reconhecida interiormente.

A filosofia está no seio da história; não é nunca independente do transcurso histórico. Mas substitui o simbolismo tácito da vida por um simbolismo consciente e o sentido latente por um sentido patente.

Filosofar é procurar, é afirmar que há algo a ver e a dizer. A filosofia desperta-nos para o que há de problemático em si na existência do mundo e na nossa, de modo que nunca deixamos de procurar uma solução.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: O valor da filosofia

A filosofia, pelas dúvidas que coloca, diminui o nosso sentimento de certeza quanto ao que as coisas são e aumenta o nosso conhecimento do que as coisas podem ser; elimina o dogmatismo e mantém viva a nossa capacidade de admiração.

A contemplação filosófica é uma forma de fugir ao tipo de vida do homem instintivo (fechada no círculo dos interesses privados, na qual há um conflito constante entre a persistência do desejo e a incapacidade da vontade). Ela permite:

- ver o todo com imparcialidade;
- alargar os limites do Eu, partindo da grandeza do não-Eu;
- a participação da mente na infinidade do Universo que contempla;
- alargar o não-Eu e o Eu que o contempla;
- libertar o intelecto das coisas pessoais e privadas;
- atingir o conhecimento impessoal, contemplativo, abstracto e universal;
- alargar os objectos dos nossos pensamentos e das nossas acções e afecções: a imparcialidade na contemplação é desejo de verdade, na acção é justiça, na emoção é amor universal;
- sermos cidadãos do Universo, libertos da sujeição a esperanças e temores mesquinhos.

Assim, o valor da filosofia encontra-se principalmente na incerteza, na libertação de objectivos pessoais e limitados e na elevação e união da mente com o Universo, que resulta da contemplação da grandeza desse mesmo Universo.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

TEMA: Saudade e universalidade

O interesse pela saudade é predominante nas épocas em que as «razões de coração» são tão atractivas como as «razões da razão»:

- o século XIX, enquanto o romantismo dominou a arte e o pensamento, foi o século dos temas saudosistas;

– o século XVIII, de índole racionalista e iluminista, foi o século em que a racionalidade abstracta, universalista e impessoal desterrou a saudade.

A saudade não se identifica com a reminiscência platónica, dado que o saudoso se coloca emocionalmente perante um mundo pessoal e vivido e não perante o mundo impessoal de ideias e de formas objectivas, indiferentes, intemporais, a-espaciais e universalmente válidas.

Embora a saudade, como vocábulo, seja exclusivo de luso-galaicos, o que exprime é próprio da constituição psíquica humana e, por isso, pode ser expresso por palavras de som e grafia diferentes.

A saudade é um acontecimento psíquico susceptível de se dar no espírito de qualquer ser humano.

A consciência individual pode ser mais ou menos sensível às circunstâncias particulares da existência; no entanto, o sentimento de conformidade ou desconformidade das situações vividas e a possibilidade do contraste de uma situação actual com a recordação de situações anteriores são próprios da natureza da vida emocional e da temporalidade da constituição espiritual.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: A verdade na tradição

Do conceito vulgar ao conceito filosófico, tradicional, de verdade: o verdadeiro como o efectivo; insuficiência desta ideia. A verdade como conformidade.

A tradição filosófica: a verdade é a adequação da coisa ao intelecto. O duplo sentido e a assimetria desta adequação.

As diferentes formas de elaboração da verdade como adequação – a conveniência assegurada pelo Criador; a ordem racional do mundo; a objectividade (Kant) – assumem que a verdade da proposição consiste na correcção do enunciado e que a não-verdade é um não-estar-conforme.

A elucidação da ideia de conformidade, porém, revelará que a referência que reina entre o enunciado e a coisa tem base numa relação mais originária, pela qual o sujeito deixa a coisa opor-se como objecto. A verdade não reside originariamente na proposição e, da mesma maneira, a não-verdade não é exterior à essência da verdade.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: A fixação do discurso na escrita

Na escrita, a significação separa-se do evento, mas a estrutura fundamental do discurso mantém-se: o texto não só obedece à dialéctica do evento e da significação, como também torna mais explícita tal dialéctica.

Ao fixar-se o discurso na escrita, a inscrição substitui a expressão vocal imediata. Procura-se fixar não a linguagem como *langue*, mas o discurso, porque enquanto evento este desvanece-se. A escrita não fixa o evento da fala, mas a exteriorização intencional, constitutiva do par «evento-significação». Embora a passagem da fala para a escrita diga respeito primariamente à mudança de canal, esta mudança tem vários efeitos noutros «factores» da comunicação.

Mensagem e locutor: a intenção do autor e o significado do texto deixam de coincidir, resultando daí a autonomia semântica do texto.

Mensagem e ouvinte: o auditório universaliza-se, o que possibilita uma multiplicidade de interpretações do texto que torna necessária a actividade hermenêutica.

Mensagem e código: a sua relação complexifica-se, tornando possível a emergência dos géneros literários.

Mensagem e referência: enquanto na fala a referência se baseia em mostrações dependentes da situação partilhada pelos interlocutores, na escrita ultrapassa-se a referência meramente situacional, e o homem passa a ter um «mundo». Os textos poéticos falam do mundo, mas não descritivamente: a escrita liberta um poder de referência para aspectos do nosso ser-no-mundo que só podem ser ditos graças à metáfora.

V.S.F.F.

114/C/11